



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Uma canção, uma resposta: sobre o modo do homem se dirigir a uma mulher

Paulo Eduardo Viana Vidal

Psicanalista.

Professor da Universidade Federal Fluminense / UFF (Rio de Janeiro, Brasil)
Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Membro aderente da Seção Rio da EBP. (Orientador)
Email: paulovidal@id.uff.br

Flavia Bonfim

Psicóloga.

Psicanalista.

Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense / UFF (Rio de Janeiro, Brasil).
Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ. (Rio de Janeiro, Brasil) (Orientanda)
E-mail: flaviabonfimps@yahoo.com.br

Resumo:

A proposta presente neste artigo versa sobre o modo do homem se dirigir a uma mulher. Para introduzir esse tema, tomamos como pano de fundo duas canções: "Garotos", composta por Paula Toller e Leoni, e "Garotos II, o outro lado", escrita somente por Leoni em resposta à primeira. Ambas as canções se propõem a apresentar diferentes versões sobre a forma de amar do lado masculino: uma da perspectiva de uma mulher e, a outra, da de um homem. A partir desse ponto de partida, a discussão se operou em torno da bifurcação da vida amorosa, da forma fetichista do homem amar, sobre a noção da mulher como causa de desejo e como sintoma do homem, demarcando com isso o desencontro amoroso inevitavelmente presente nas parcerias sexuais. Palavras-chave: Psicanálise, homem; amor fetichista; objeto da fantasia; mulher-sintoma; relação sexual.

Une chanson une réponse: à propos de la manière de l'homme diriger une femme: La proposition dans cet article concerne la manière dont l'homme s'adresse à une femme. Pour introduire ce thème, nous avons choisi deux chansons: "Garotos", composé par Paula Toller et Leoni et "Garotos II, l'autre face", écrit uniquement par Leoni en réponse au premier. Les deux chansons proposent de présenter différentes versions sur la forme d'aimer du côté masculin: l'une du point de vue d'une femme et l'autre d'un homme. À partir de ce moment, la discussion a été centrée sur de la bifurcation de la vie amoureuse, de la forme fétichiste de l'amour masculin, sur la notion de femme comme cause du désir et symptôme de l'homme, marquant avec ce la incompatibilité amoureuse présente dans les rapports sexuels.

Mots clés: Psychoanalyse; homme; amour fetiche; objet de fantaisie; femme-symptôme; relation sexuelle.

A song, an answer: about the man's way of addressing a woman: The proposal in this article is about the man's way of addressing a woman. To introduce this theme, we took as background two songs: "Garotos", composed by Paula Toller and Leoni, and "Garotos II, o outro lado", written only by Leoni in response to the first. Both songs propose to present different versions on the form of loving on the masculine side: one from the perspective of a woman and the other of a man. From this starting point the discussion centered around the of bifurcation of the love life, of the fetishistic form of man to love, on the notion of woman as cause of desire and as a symptom of man, demarcating from this that the amorous mismatch is inevitably present in sexual partnerships.

Key Words: Psychoanalysis, men; fetish love; fantasy object; woman-symptom; sexual relationship.

Uma canção, uma resposta: sobre o modo do homem se dirigir a uma mulher

Paulo Eduardo Viana Vidal & Flavia Bonfim

Um casal diante da não relação sexual, uma parceria musical, uma canção...

Nesse encontro e desencontro, em 1985, nasce a música *Garotos*, composta por Paula Toller e Leoni. A música foi lançada pela banda chamada "Kid Abelha", que fez grande sucesso nos anos de 1980 e 1990. A canção faz parte do segundo álbum do grupo que tem um nome bastante sugestivo, vale dizer: "Educação Sentimental". O que nos ensinam seus versos? Numa palavra, sobre o desencontro amoroso.

De modo especial, a música *Garotos* traz a queixa feminina de que os homens não querem se comprometer; de que eles não estabelecem relações com maior profundidade; de que o desejo do homem se sustenta sem amor, no qual fazem todas as mulheres iguais; além de trazer a esperança feminina de que haja ao menos um que seja diferente, pelo qual ela possa ser amada.

Leoni, em entrevista concedida ao Programa "Por trás da canção" (2015), conta que a ideia da letra foi da Paula Toller e, portanto, traz a visão feminina dos relacionamentos amorosos. Todavia, não podemos esquecer que essa composição comporta sua assinatura – o que o deixa também implicado com esta canção.

Garotos

(Composição: Paula Toller e Leoni)

Garotos gostam de iludir
Sorriso, planos
Promessas demais
Eles escondem
O que mais querem
Que eu seja a outra
Entre outras iguais...

São sempre os mesmos sonhos
De quantidade e tamanho...
Garotos fazem tudo igual
E quase nunca chegam ao fim
Talvez você seja melhor
Que os outros
Talvez, quem sabe
Goste de mim...

São sempre os mesmos sonhos
De quantidade e tamanho...

Garotos perdem tempo pensando
Em brinquedos e proteção
Romance de estação
Desejo sem paixão

Qualquer truque
Contra a emoção...

Uma separação, um desencontro amoroso e musical em 1986, uma resposta em 1993 em forma canção com *Garotos II, o outro lado...*

Leoni (2015) diz que vez por outra retoma suas produções de modo a questionar se as produziria de forma diferente. Foi a partir dessa perspectiva que teve o seu reencontro com a música *Garotos*, afirmando, então, que "levou 8 anos para encontrar uma boa resposta." Sua intenção, porém, foi mostrar a versão dos homens sobre os relacionamentos. (Leoni, 2015) Seguimos com seus versos:

Garotos II, o outro lado
(Composição: Leoni)

Seus olhos e seus olhares
Milhares de tentações
Meninas são tão mulheres
Seus truques e confusões

Se espalham pelos pelos, boca e cabelo
Peitos e poses e apelos
Me agarram pelas pernas, certas mulheres
Como você, me levam sempre onde querem

Garotos não resistem aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos, como eu, sempre tão espertos
Perto de uma mulher, são só garotos

Seus dentes e seus sorrisos
Mastigam meu corpo e juízo
Devoram os meus sentidos
Eu já não me importo comigo

Então são mãos e braços, beijos e abraços
Pele, barriga e seus laços
São armadilhas, e eu não sei o que faço
Aqui de palhaço, seguindo seus passos

De maneira quase que imediata a música *Garotos II, o outro lado* nos evoca com seu refrão a exaltação dos mistérios e encantos femininos. Freud, inclusive, com sua famosa questão sobre o que quer a mulher, destacou o lado enigmático que o feminino encarna. O rápido efeito então extraído da música é o que homem, submetido, sem poder dizer "não" se situaria como um "garoto" perto de

uma mulher. Assim, como um "palhaço", ficaria ele frente às armadilhas, frente ao jogo amoroso no qual a parceira se sairia bem melhor. Leoni (2015), na referida entrevista, demonstra que sua intenção foi poder expressar que há um efeito de sedução e confusão produzido pelo encontro com uma mulher, dando lugar a uma fragilidade, no qual um "medo difuso" frente a ela impediria o homem de dizer "não".

Inegavelmente essa é uma interpretação possível; foi inclusive a do compositor. Sem ter a intenção de analisar o sujeito Leoni, propomos uma outra leitura a partir da presença de certos significantes em seus versos, nos quais se destaca uma mulher que comparece através de seus pedaços e efeitos do corpo (olhos e olhares; dentes e sorrisos; peito, poses e apelos; pele, barriga e seus laços). Se destacamos esse ponto e abrimos esse trabalho com essas músicas, foi porque ambas nos remetem ao modo de amar dos homens, tal como se apresenta na clínica psicanalítica. O viés tomado para abordar esse tema será então levar em consideração propriamente a noção freudiana de bifurcação da vida amorosa dos homens, a formulação lacaniana sobre a forma fetichista do homem amar, bem como a noção da mulher como causa de desejo e como sintoma do homem.

A bifurcação na vida amorosa

Já no início de sua obra, nos *Três ensaios sobre a sexualidade infantil* (1905/1996), Freud sustenta uma posição radical quanto à sexualidade, entendendo que o objeto sexual não é pré-fixado instintivamente, mas sua busca traz relação com constelações edípicas. Também nesse livro, ele trata do "encontro com o objeto" na puberdade, no qual deve ocorrer a convergência entre a ternura e o sexual, denotando a "normalidade" da vida amorosa. "O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro" (Freud, 1905/1996, p. 209), só que sempre faltoso. Nesse sentido, Freud põe em evidência as marcas da relação primordial com o Outro na escolha de objeto.

Sobre esta marca, Freud em "Contribuições à Psicologia do amor I e II" (1910,1912 /1996) nos aponta suas consequências na vida amorosa do homem, isto é: uma falha na combinação entre corrente afetiva e sensual, implicando em uma separação entre amor e desejo. A corrente sensual buscaria objetos que não remetesse às imagos incestuosas, de modo que os sentimentos de afeição não impedissem o desejo. Freud entende ser isso uma medida protetora que leva a uma desqualificação, depreciação do objeto sexual de modo a garantir um maior grau de prazer. Ou seja, amada será a virgem (tal como a mãe); desejada, a prostituta.

No livro "*Psicologia das massas e análise do eu*", ao discutir o tema "Estar amando e hipnose", Freud retomou mais uma vez tais considerações ao situar que "Um homem mostrará um entusiasmo sentimental por mulheres a quem respeita profundamente, mas não o excitam a atividades sexuais, e só será potente com outras mulheres a quem não 'ama', a quem pouco considera, ou mesmo despreza." (1921/1996, p. 122) Ele propõe ainda que a síntese entre o amor

não sensual e o amor sexual, bem como a relação com a mulher, caracteriza-se pela interação da pulsão diretamente sexual com a pulsão sexual inibida em seus objetivos. "É o destino do amor sensual extinguir-se quando se satisfaz; para que possa durar, desde o início tem de estar mesclado com componentes puramente afetuosos..." (1921/1996, p. 125)

Ernesto Sinatra (2009) comenta que a bifurcação amor-gozo aproximaria o homem da infidelidade, sendo o problema masculino justamente conseguir relacionar-se amorosamente com uma mulher e situá-la como causa de seu desejo. Longe de ser uma justificativa para a traição masculina, é preciso ler essa afirmação como uma verificação clínica frente a dificuldade masculina de fazer se encontrar o amor e o gozo. Dificuldade, esta, explicitada nos versos de "Garotos": *"Romance de estação / Desejo sem paixão / Qualquer truque / Contra a emoção..."*

Lacan, por sua vez, no texto "A significação do falo" (1958/1998a), aborda a especificidade da "degradação na vida amorosa dos homens" situada por Freud, articulando tal problemática em torno da dialética da demanda e do desejo. Miller (2010) considera que esse texto lacaniano deveria ser tomado como a quarta série às três contribuições à "Psicologia da vida amorosa" ("Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens", "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor" e "O tabu da virgindade", respectivamente) na medida em que retoma a temática da castração com suas implicações na vida amorosa do homem e da mulher. No que concerne ao campo amoroso do homem, Lacan pondera:

Se de fato sucede ao homem satisfazer sua demanda de amor na relação com a mulher, na medida em que o significante do falo realmente a constitui como dando no amor aquilo que ela não tem, inversamente seu próprio desejo do falo faz surgir seu significante, em sua divergência remanescente, dirigido a "uma outra mulher", que pode significar esse falo de diversas maneiras, quer como virgem, quer como prostituta. (Lacan, 1958/1998a, p.702).

Se essa divisão entre "virgem" e "prostituta" nos parece obsoleta ou distante nos dias atuais, não raro se pode perceber que alguns homens ainda classificam as mulheres entre as que "são para namorar, casar" em contraponto com aquelas que não se enquadram nesse "padrão", ainda que possam servir para suscitar o desejo sexual. Além disso, a importância que alguns homens conferem à quantidade de parceiros anteriores que uma mulher já teve, bem como à fantasia em torno dessa questão, também não deve ser ignorada quando isso não inviabiliza o interesse sexual por ela, mas determina o valor que o homem irá lhe atribuir, imputando uma desqualificação que não permite sustentar o amor, mas oferece toda fonte de prazer sexual. É impossível contestar que tais pensamentos estão pautados em discursos disciplinadores em torno dos corpos das mulheres, mas chama a atenção o fato de que a mulher, ao ser colocada como objeto desvalorizado, seja

justamente fonte de excitação sexual – o que nos coloca também na pista afirmada por Freud e retomada por Lacan a respeito da bifurcação amorosa na vida do homem.

O termo “prostituta”, “mulher de má reputação”, “mulher leviana”, que recolhemos do texto de Freud, decorre da tradução da palavra *Dirne*, segundo Miller (2010). Essa palavra é usada desde do século XVI significando “mulher pública”, “puta” e “prostituta”. Todavia, ele sugere que no alemão antigo ela provém da palavra *thiorna* que significava “virgem”, tratando assim de uma palavra antitética. (Miller, 2010) Nesse sentido, Miller considera que “Freud toma o tema da *Dirne* como uma repetição deslocada da mãe, já que há uma infidelidade da mãe em relação ao filho com o pai, seu parceiro sexual.” (Miller, 2010, p. 12) Seguindo, ele conclui: “Quando se diz *Dirne* trata-se da seguinte condição de amor: que a mulher em questão não seja toda para o sujeito; é uma versão da exigência de que a mulher não seja toda para poder ser reconhecida como mulher.” (Miller, 2010, p. 12)

Assim, de acordo com Miller (2010), uma mulher passa a ser desejada na medida em que é a mulher do Outro. Para ser reconhecida na vida erótica, ela precisa ser do Outro. Miller nos lembra ainda que o termo “depreciação” da vida amorosa empregado por Freud é um termo de valor, indicando os moldes nos quais a libido freudiana se constitui, a saber, como um valor psíquico a partir do qual se atribui valor aos objetos. Assim, na medida em que a mulher é tomada do Outro isso lhe dá um valor. O Outro, então, lhe indica o caminho do gozo.

A forma fetichista de amar

Extraíndo os efeitos da obra de Freud, Eric Laurent (2007) destaca que desde o princípio a psicanálise avançou e conseguiu manter firmemente em seu horizonte a profunda dissimetria quanto à posição masculina e feminina. As formulações assimétricas sobre o complexo de Édipo e castração nos meninos e meninas são testemunho de uma disparidade dos sexos. Logo: “Tal posição constrói uma assimetria na vida amorosa.” (Laurent, 2007, p. 24) O homem teme a castração e a mulher deseja ter o falo – é assim que Freud estrutura o campo da sexualidade. Na vida amorosa isso terá consequências, especialmente, quando nos recordamos que para a mulher é mais importante ser amada do que amar (Freud, 1932/1996), na medida em que será necessário o amor do outro para ela ter o que lhe falta, tendo a perda amorosa efeito ameaçador sobre a vida feminina, pois implicaria em perder-se toda. Seu gozo está em capturar um homem que a ame entre todas as outras. Eis o traço “erotomaniaco” de amar feminino (Lacan, 1958/1998b) – “Ele me ama” – tendo em vista que “ser amada” pode conferir algum suporte de ser para a mulher. No caso do homem, encontraremos seu gozo guiado por uma forma fetichista de amar. (Lacan, 1958/1998b) Sobre essas formas de amor, Miller esclarece:

Quando falamos aqui de duas formas de amor, deve-se escutar por trás desse termo amor, o *Liebe* freudiano, quer dizer, amor, desejo e gozo. [...] Que indicam estas duas formas distintas? Indicam aquilo que, segundo cada uma das duas estruturas, um sexo vai buscar no outro, a forma que impõe a seu objeto [...] Portanto, existem dois objetos: o objeto fetiche e o objeto erotômano. (Miller, 2011, p. 315, tradução nossa)

Ao abordar a noção de objeto fetiche, Marisa Chamizo (2008) escreve que a etimologia da palavra fetiche remete a fictício e artificial. Em um sentido mais amplo, é um objeto de culto, que oferece proteção por possuir poderes sobrenaturais. No campo psicanalítico, ele possui um sentido preciso, com uma função delimitada: escamotear a falta, sendo regulado pela lógica fálica. (Chamizo, 2008.)

Resgatando a referência do termo "falo", constatamos que o uso da representação fálica era bastante familiar no mundo romano, egípcio, grego e etrusco, na medida em que os antigos entendiam que o falo era como um objeto poderoso, capaz de perpetuar a vida e neutralizar as coisas ruins. O culto ao falo na antiguidade por meio de procissões religiosas (falofórias), que visavam evitar a impotência e garantir a fecundidade, configura um bom exemplo nesse sentido. A veneração do objeto fálico constitui um artifício para a virilidade não ficar sob ameaça – o que permitiu a Freud não desprezar o valor que o símbolo falo tinha no mundo antigo (articulação entre desejo e sexualidade) na medida em que encontrou eco de sua importância na escuta de seus pacientes. (Costa & Bonfim, 2014) A partir disso, podemos perceber como o "sentido amplo" do fetiche em comparação ao "sentido restrito" da psicanálise proposto por Chamizo se encontram.

Na obra de Freud, podemos localizar dois textos fundamentais para a discussão sobre o fetiche, a saber: "Três ensaios sobre a sexualidade infantil" (1905/1996) e "Fetichismo" (1927/1996). No primeiro texto, o fetiche é apresentado como um "substituto impróprio" do objeto sexual, estabelecido a partir de uma relação de proximidade com o objeto substituído e sendo geralmente uma parte do corpo pouco apropriada para fins sexuais. Freud considera que há uma supervalorização do objeto sexual, entendendo assim que certo grau de fetichismo costuma ser próprio ao amor, especialmente quando inalcançável. A escolha do fetiche decorre da influência de alguma impressão sexual sofrida, principalmente, na primeira infância, e o que leva a essa substituição é uma "conexão simbólica de pensamentos". (Freud, 1905/1996) Chamizo (2008) destaca que o surgimento do objeto fetiche ocorre na interrupção do caminho que levaria à comprovação da castração feminina; protege assim do que poderia se constituir como um horror. Logo, o objeto fetiche oculta ao mesmo tempo que aponta para o lugar da falta. Posto isto, o fetiche pode ser pensado como um objeto que tem estrutura semelhante à de uma lembrança encobridora.

Precisamente, em seu texto "Fetichismo" (1927/1996), Freud observa que essa modalidade sexual não é tomada como uma fonte sintomática; pelo contrário, a escolha objetual dominada por um

objeto de fetiche é entendida com um facilitador da vida erótica. Esse objeto se erige já na infância e surge após a percepção da castração materna, a partir de uma comparação imaginária dos corpos. Reconhecer a falta fálica da mãe implica em se haver com a possibilidade da própria castração – o que gera uma revolta narcísica. Diante do horror e da angústia ocasionada por tal percepção, um substituto toma o lugar do falo materno. Ele é, portanto, signo de um horror e do desmentido da castração. É um artifício deslocado para assegurar a existência do falo. Esse objeto, de modo geral, é recolhido, como já assinalamos, a partir de uma visão que antecede a impressão angustiante e traumática do órgão genital feminino. Não é a toa que o pé, o sapato, peles e veludo (representivo dos pelos pubianos), e a calcinha se oferecem tão facilmente a objeto de fetiche, ainda que não sejam os únicos, podendo ser os mais variados. Freud, por exemplo, cita o caso onde a presença de um “brilho no nariz” funcionava como objeto de fetiche. Sobre isso, Jaqueline Dhéret assinala que esses objetos “se oferecem como tradução sempre singular do tropeço que constrange o falasser.” (2008, p. 166) E continua:

Freud insistia sobre o fato de que, para o menino, a castração se joga no campo visual e que ela se caracteriza por um excesso de visibilidade da representação parcial isolada no instante do encontro com o irrepresentável. No campo do desejo, tal como a fantasia o organiza, o olhar pode circular e selecionar. Ele contorna, por exemplo, a falha perturbadora que pode tanto suscitar o desejo quanto desencadear a angústia. É sempre um traço não essencial que entra em ação e é assinatura do sujeito. (Dhéret, 2008, p. 166)

Para Chamizo (2008), ainda que o objeto de fetiche tenha sido tomado como algo inerente ao campo da perversão, Freud não o restringe unicamente a essa estrutura para ampliar seu valor: ele é uma condição erótica da sexualidade humana, especialmente a masculina. A partir deste novo valor, o fetiche é entendido como “uma condição do gozo sexual, um detalhe acoplado ao objeto escolhido” (Chamizo, 2008, p. 134) Traçando um panorama a respeito desta condição erótica, Caldas (2008) comenta que para o homem se aproximar de uma mulher é preciso destituí-la do falo, afastando-a da figura do Outro primordial não barrado, ao passo que para desejá-la há de identificar nela algum atrativo fálico. Isto é: as mulheres são amadas pela falta, mas são desejadas por esta falta ter sido recoberta por alguma miragem fálica. Se encontramos nisto uma característica fetichista no amor, é porque identificamos o privilégio da função do véu e de recursos imaginários utilizados no meio feminino para recobrir a falta-a-ter por meio de uma aparência baseada no brilho fálico. (Caldas, 2008) Paradoxalmente, esta miragem está ali para assinalar o que não se tem, para indicar a castração do objeto.

Russo & Vallejo (2011) salientam que a condição do desejo masculino comporta uma face narcisista (condição que foi inicialmente atribuída ao feminino), tendo em vista que busca na mulher propriamente o falo, visando assim reassegurar sua relação com o objeto fálico. A ameaça de perder o falo configura uma das facetas da posição masculina e seu embaraço está em defender o que tem sem se arriscar em demasia. Eis sua solução forjada: encontrar na mulher um atributo fálico – o que inviabiliza de apreender corpo da mulher com um todo, como veremos a seguir. Portanto, o desejo do homem é condicionado pela cifra fálica e assemelha-se ao desejo do perverso na medida em que pode exigir a fixidez da presença de um traço sempre igual, tal como um tipo específico de cor de pele, de olhar, de sorriso, de andar, de bunda, de pernas... A fixidez do detalhe garante o ponto de excitação. Dhéret (2008) afirma que o desejo do homem se coloca assim como a procura de um resto que lhe concerne, no qual um traço isolado cristaliza-se na fantasia produzindo uma relação forçada dele com os objetos de seu desejo.

Dizendo de outro modo, para o homem, seu modo de gozar implica que o parceiro responda a um modelo e em alguns casos pode chegar à exigência de um detalhe. O objeto fetiche apresenta um caráter de unidade, de permanência, de traços uniformes, algo que conduz a um ponto de semelhança entre as parceiras. A forma fetichista de amar implica assim em fazer série, tal como comparece, em forma de denúncia feminina, da primeira versão de Garotos: *"Eles escondem / O que mais querem / Que eu seja a outra / Entre outras iguais / São sempre os mesmos sonhos / De quantidade e tamanho..."*.

Diferentemente, uma mulher não faz série, nos aponta Miller (2011 a). Sua forma erotomaniaca de operar com a relação sexuada demarca que seu desejo passa pelo amor, enquanto que do lado do homem o desejo passa pelo gozo, pelo mais-de-gozar. A importância para mulher está então em ser amada por um homem como "uma" em seu caráter singular entre todas as outras mulheres. A mulher exige que o homem fale, que a envolva em palavras para consentir com o sexual, para poder reconhecer aí seu objeto. Do lado do homem, o objeto fetiche se satisfaz prescindindo das palavras e não necessita passar pelo amor. Daí a queixa feminina recorrente de que os homens são brutos, de que eles não falam.

Tais formulações antecipam os desenvolvimentos apresentados no *Seminário 20* – Mais ainda. Neste livro, Lacan propõe que o homem toma a mulher como objeto causa de seu desejo, como objeto de sua fantasia – objeto *a*. Esta, por sua vez, opera em silêncio, regulando a experiência de gozo de maneira repetida e inercial. Do lado da mulher, nesse mesmo seminário podemos extrair como a demanda de que o outro a ame pode a partir da lógica do não-todo comportar um ilimitado. Para ela, o amor tem uma visada ao infinito.

A mulher como causa de desejo do homem

No *Seminário 18*, Lacan (1971/2009) traz algumas considerações a respeito do masculino ao nomear o homem, como *touthomme*, situando que o mesmo só encontra seu lugar na relação sexual por meio do significante fálico, bem como afirma que o homem só pode ser definido a partir da sua relação com a mulher. Não obstante, Lacan (1971/2009) propõe que a identificação sexual não consiste em alguém se acreditar homem ou mulher, mas o menino considerar que existem mulheres e a menina, que existem homens. Mais ainda, para Lacan (1971/2009), o menino irá apreender que na fase adulta o que está em jogo é um “parecer homem”, sendo isto o que constitui a relação com a mulher.

Com esse enunciados – se podemos dizer, de caráter opaco –, Lacan chega ao *Seminário 20* (1972-73/1985) com sua discussão a respeito das modalidades de gozo. Por ação da linguagem, essas modalidades de gozo se estruturam em torno da castração. Lacan deduz duas maneiras distintas de se inscrever na função fálica: todo-fálico e não-todo fálico. Em torno destas duas maneiras, ele localizou o homem – aquele que está submetido totalmente à função fálica, tendo acesso a partir disso ao gozo fálico – e a mulher – aquela que está não-toda submetida à função fálica, o que lhe permite experimentar um gozo suplementar fruto do encontro do gozo fálico e do gozo além do falo. Para Lacan (1972-73/1985), esta divisão não corresponde à distinção anatômica entre os sexos, mas diz de uma posição sexuada que pode estar em descompasso com a anatomia. Como forma de abordar tais operações, Lacan introduz suas fórmulas quânticas da sexuação, tal como podemos observar no quadro abaixo:

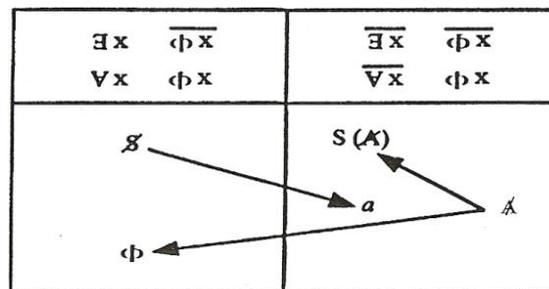


Figura 1. “Quadro das fórmulas quânticas da sexuação”.

Na parte superior à esquerda do quadro, Lacan (1972-73/1985) apresenta o lado masculino por meio de matemas, no qual podemos ler: $\forall x \quad \phi x$ para todo homem há a inscrição da função fálica, de modo que todo homem e o homem como um todo está submetido à castração. Contudo, essa regra só é confirmada a partir de sua exceção. Isto é: $\exists x \quad \overline{\phi x}$ há um homem, ao menos um, que escapa a castração e cuja função fálica não funciona, sendo esta exceção encarnada pela figura

do pai da horda primitiva, configurando o Um totalizante. Assim, na medida em que portar o pênis não assegura o que é ser homem, a crença é colocada no pai como o portador do falo.

Nesse sentido, o termo "homem" é definido a partir da maneira como se está referido à função fálica e, portanto, não diz respeito "à anatomia ou ao gênero, mas ao corpo falante, ao sujeito e às suas marcas de gozo, à realidade sexual do inconsciente e à dimensão sintomática que lhe corresponde." (Macêdo, 2016, p. 5-6) Mais precisamente, ao abordar os termos "homem" e "mulher" nas fórmulas da sexualização, Lacan não está se referindo a papéis sociais, ao gênero. O ponto crucial é a modalidade de gozo, a partir da qual leremos o modo como o homem (não) se relaciona com uma mulher.

Sinatra (2010) demarca ser o gozo o elemento presente nas eleições dos homens por suas parceiras. Ele nos fala, assim, que em primeiro lugar as questões do amor tropeçam pelo fato do homem buscar obter um gozo no próprio corpo que o impede de passar pelo corpo do semelhante – o que configura um gozo autoerótico. Isso, então, faz referência à proposição lacaniana de que: "O gozo, enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não relaciona ao Outro como tal." (Lacan, 1972-73/1985, p. 18). Ou seja, por meio do gozo fálico se instaura um fracasso na relação homem-mulher, pois o gozo fálico revela seu caráter autístico de gozo. Retomando o aforismo lacaniano presente no *Seminário 10* de que "só o amor permite ao gozo condescender ao desejo", Sinatra (2010) pontua que este enunciado lhe serve para ler a dificuldades dos homens na vida amorosa, na medida em que é justamente o gozo fálico que coloca uma resistência para condescender ao desejo sob a forma de amor. Sob essa perspectiva, Jesus Santiago (2018) ao realizar o testemunho sobre seu passe, considera que "é a questão do falo que se vê implicada na vertente sintomática do impasse amoroso mais propriamente masculino." E continua:

[...] embaraçado pelo ter, eu não podia ceder ao amor, já que, além do compromisso rígido com a fantasia, tal doação era sentida como perda – uma perda fálica. Para amar, faz-se necessária no homem, uma aproximação com o feminino. Por isso, considero o autismo do falo uma defesa que causa impedimentos na vida amorosa, tendo-se em vista, sobretudo, que amar é viver o vazio da pulsão sem os imperativos obturantes da fantasia. (Santiago, 2018, p. 224)

Podemos ler esses "imperativos obturantes da fantasia" a partir dos matemas lacanianos encontrados na parte inferior à esquerda do quadro. Por meio das setas que vão de um campo ao outro, Lacan estabelece a forma como homem se dirige a uma mulher. No âmbito do homem, Lacan (1972-73/1985) localizou o $\$$ e o ϕ , indicando uma seta que sai do lado masculino em direção ao feminino, por meio da seguinte articulação: $\$ \rightarrow a$. Essa ligação propõe que o homem atinge seu parceiro sexual por intermédio deste ser que é a causa de seu desejo. Essa conjunção ($\$$ e a) compõe

a fórmula da fantasia proposta por Lacan e nesse sentido, podemos extrair que o modo pelo qual o homem se relaciona com uma mulher é como objeto de sua fantasia, gozando não do seu corpo como um todo mas como objeto parcial, destacado do corpo feminino. Eis então o que quisemos ressaltar com a canção "Garotos II, o outro lado", no qual pedaços e efeitos de corpo são destacados: "*Seus olhos e seus olhares milhares de tentações [...] / Se espalham pelos pelos, boca e cabelo / Peitos e poses e apelos [...] / Seus dentes e seus sorrisos / Mastigam meu corpo e juízo [...] Então são mãos e braços, beijos e abraços / Pele, barriga e seus laços*"

Russo & Vallejo (2011) apontam que, ao gozar de um objeto parcial, destacado do corpo feminino, o homem tenta recuperar algo do objeto na mulher, em determinada parte do corpo que lhe atrai, em determinado traço e detalhe privilegiado. Isso porque o molde de parceria do homem com a mulher está determinado pelo objeto pequeno *a*, sendo este uma unidade de gozo discreta, no sentido que está separado, destacado. Nesse ponto, retomamos a ideia da forma fetichista de amar dos homens presentes desde suas elaborações sobre a significação do falo, podendo ser ressignificada a partir do conceito de objeto *a*.

Tomar a mulher como objeto de sua fantasia implica, porém, que ela se ofereça a ser semblante de objeto. Aqui a palavra "semblante" é fundamental, pois há uma diferença entre se prestar à dimensão de semblante, de objeto causa de desejo, e de se identificar com o lugar de objeto. Identificar-se com o objeto seria encarnar uma posição masoquista para responder a uma perversão masculina. Prestar-se a essa condição de semblante, revela a maior liberdade da mulher com o próprio semblante, podendo se servir dele para se fazer desejar por um homem. Nesse sentido, seguindo Lacan, o conceito de mascarada proposto por Joan Rivière, no qual não há diferença entre a feminilidade genuína e a mascarada, nos é oportuno. A máscara é um recurso para recobrir o vazio da nomeação, o buraco a nível simbólico. Nos termos lacanianos, a feminilidade sem um significante para representá-la pode se servir do semblante para ser desejada por um homem, mostrando-lhe aquilo que lhe falta e moldando-se às condições do desejo masculino. O engodo, porém, segundo Fuentes (2004), é que ao colorir o semblante com uma face fálica, crendo em demasia e fazendo deste semblante seu refúgio, mais a mulher sacrifica o que há de feminino.

Mulher: sintoma do homem

De acordo com Dominique Laurent (2006), a formulação da mulher como causa de desejo de um homem foi proposta por Lacan nos anos de 1960 em consonância com suas teorizações sobre o fantasma. É, portanto, uma referência que precede as fórmulas da sexuação encontrada no *Seminário 20* (1972-73/1985). Por outro lado, como pôde ser verificado, foi através de tais fórmulas que este aforismo foi definido de maneira mais radical por meio de termos lógicos e matemas. Nos

anos de 1970, Lacan introduz um novo aforismo em torno da (não)relação do homem com a mulher, a saber: a mulher é sintoma do homem.

No *Seminário 23* – o Sinthoma, Lacan afirma: “Permito-me dizer que o sinthoma é, muito precisamente, o sexo ao qual não pertença, isto é, uma mulher. (1975-76/2007, p. 98) Nesta mesma direção, no escrito lacaniano “Joyce, o Sintoma” (1975/2003), temos que o sintoma é um evento corporal. Continuando, Lacan diz: “Uma mulher, por exemplo, é o sintoma de um outro corpo” (Lacan, 1975/2003, p. 565), para em seguida mencionar que é com o homem que ela se sintomatiza. O sinthoma surge, assim, onde não há relação, permitindo produzir alguma ligação. Ao problematizar a questão da ausência de relação sexual, Lacan pondera então: “Há, portanto, ao mesmo tempo relação sexual e não há relação. Há relação na medida em que há sinthoma, isto é, em que o outro sexo é suportado pelo sinthoma.” (1975-76/2007, p. 98)

Nesse sentido, a formulação da mulher como sintoma do homem, conforme nos indica Laurent (2006), deve ser lida a partir dos avanços do último ensino lacaniano, no qual podemos contar com a teorização a respeito do conceito de sinthoma. No ensino de Lacan, encontramos duas atribuições em torno da noção de sintoma. Em um primeiro momento, o sintoma é entendido como uma mensagem cifrada endereçada ao Outro, no qual se produziria uma produção de saber durante a análise. A experiência analítica, contudo, foi se delineando no sentido de demarcar que nem tudo é passível de ser interpretado, que além de se produzir um saber, há também a necessidade de se tocar na dimensão do gozo. A partir da clínica, então, mostrou-se necessário um conceito que pudesse articular de maneira mais precisa que o sintoma não é só sofrimento, mas há um gozo implicado. Portanto, é a noção de sinthoma presente no último ensino de Lacan que vem circunscrever o gozo localizável no sintoma. Nesse sentido, Batista nos escreve:

O sintoma ganha um outro registro, que é o da suplência, como aquilo que sustenta o falasser no incurável do seu pulsional. Fala assim da relação sexual que não se inscreve. [...] O sintoma torna-se a forma com que cada um goza do seu inconsciente e o modo como cada um sustenta sua estranheza. (2004, p. 2-3)

A formulação da mulher como objeto causa de desejo é orientada a partir da definição do sujeito barrado, comportando um corpo mortificado pelo significante, no qual introduz uma subtração – o objeto *a*, complemento libidinal, que escapa a tal mortificação. O que se segue no último ensino é que o significante não é mais mortificador, mas sim aparelho de gozo, produzindo um mais-de-gozar, tendo em vista que para o sujeito ter acesso a libido, ao objeto causa de desejo, há a necessidade de um corpo vivo. Posto isto, o sinthoma faz referência ao efeito do gozo do significante no corpo, apontando para uma conexão entre significação e gozo. Portanto, as referências “objeto causa de desejo” e “sintoma do homem” dizem da dimensão do gozo. “Ao ser objeto *a*, ou o sintoma que o

homem recupera no seu corpo ao preço do Falo na relação sexual, a mulher localiza o gozo fálico deste homem.” (Laurent, D., 2006)

Em outros termos, Russo & Vallejo (2011) consideram que a mulher como sintoma leva em conta uma nova conceituação sobre a ideia de sintoma que implica na conexão entre sintoma e fantasia, sem, contudo, superar a proposição da “mulher como objeto causa de desejo”, nem tampouco opor-se a ela. A partir de Joyce, Lacan pôde ao final de seu ensino passar a considerar que o *sinthoma* se coloca como uma função e, portanto, não apresenta estatuto de disfunção, de algo passível de ser eliminado por completo. Há um ponto de incurável para cada sujeito e o *sinthoma* corresponde a uma maneira de gozar do inconsciente. Até então, o sintoma era entendido como aquilo que fazia o sujeito sofrer e a fantasia, ao contrário, era tomada como meio de gozo, indicando, respectivamente, com estas noções a dimensão da dor e do prazer. “E o *sinthoma*, em sua última aceção, designa o que há de comum entre sintoma e fantasia, a saber, o modo singular de um sujeito gozar, modo de gozar apreendido em seu funcionamento positivo.” (Miller, 2011b)

Em torno desta discussão, Miller (2011a) nos apresenta o sintagma parceiro-sintoma do qual ele deduz a partir das considerações lacanianas sobre laço entre o homem e a mulher. Ele então delimita que o sintoma é um modo de gozar do inconsciente, da articulação significativa, bem como um modo de gozar do corpo do Outro. Por “corpo do Outro” entende-se: corpo do outro como meio de gozo do corpo próprio sem deixar de levar em consideração o corpo próprio em sua dimensão de alteridade. Frente a isto, Miller explica que “O gozo se produz sempre no corpo de Um, mas através do corpo do Outro.” (Miller, 2011a, p. 411).

Por meio desta parceria, a mulher encarna para o homem seu sintoma. Não no sentido de fazer um homem adoecer, mas por ter consonância com a forma pela qual o homem goza de seu inconsciente. Sendo assim, a noção de mulher-sintoma aponta para a dimensão real do sintoma, como algo da ordem do funcionamento, necessário ao circuito pulsional. O sintoma, nesse sentido, é um aparato que articula gozo e desejo de modo que a mulher teria para o homem esse valor – aquela que ao ocupar o lugar de objeto causa lhe permite a articulação entre seu gozo e seu desejo. Segundo Russo & Vallejo (2011), a mulher como sintoma permite ao homem estruturar sua relação com o gozo fálico, portanto, ela tem relação com a constituição desse sujeito com aquilo que o enoda e possibilita alguma consistência. Soler realiza um comentário que captura o que está em jogo nessa articulação:

Se o sintoma é “a maneira como cada um goza com seu inconsciente”, quando se trata de uma mulher, segue-se que ela empresta seu corpo para que, gozando com ela, o homem de fato goze com seu próprio inconsciente, e que, inversamente, é por esse gozar com o

inconsciente que ele tem acesso ao gozo do corpo, que não é o gozo do Outro, mas gozo fálico. (2005, p. 182)

Através da mulher, na medida em busca encontrar nela algum atributo fálico, como já assinalamos anteriormente, o homem procura assegurar sua relação com o falo, com o gozo fálico, logo, com aquilo que o faz homem. Resumindo o que discutimos até aqui: "A clínica nos ensina que um homem só se torna homem quando se envolve com um desejo que fetichiza a feminilidade. Fazer-se homem é sempre vestir o corpo feminino de um índice que põe em função a causa do desejo, inclusa na fantasia, entre denegação e consentimento." (Dhèret, 2008, p. 165)

O homem estabelece uma relação com sua fantasia, na qual a mulher vem encarná-la, mas não podemos reconhecer estrutura semelhante do lado da mulher. Do mesmo modo, se a mulher é sintoma para o homem, o enquadramento desta fórmula não pode ser empregado no campo feminino. Ele não é sintoma para mulher pois não há nesse ponto nenhuma equivalência. Nos termos lacanianos: "Pode-se dizer que o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um sintoma. [...] Trata-se mesmo de uma devastação." (Lacan, 1975-76/2007, p. 98) Ou seja, o amor por um homem pode se configurar enquanto uma devastação, no sentido de arrebatamento (*ravie*) ou deslumbramento (*ravisement*) – como é possível extrair dos desdobramentos da palavra "ravage" (devastação) na língua francesa. Segundo Miller (2011a), o amor e a devastação têm o mesmo princípio: o A barrado, o não-todo em sua face de sem limite. Para ele, a devastação é a outra face do amor, melhor dizendo, é o retorno da demanda de amor. O sintoma tem algo de localizável, sendo possível identificar e contabilizar, ao passo que a devastação não conhece tais limites. Um parceiro pode ser devastação para o melhor, conduzindo a mulher a um estado místico de felicidade extrema, e para o pior, levando-a a sua destruição. (Miller, 2015)

Últimas considerações...

Ao tomarmos como pano de fundo duas canções que fizeram parte do cenário cultural pop rock brasileiro, buscamos discutir o modo como o homem se dirige a uma mulher. Neste percurso, foi possível extrair a partir da obra de Freud a noção de bifurcação no plano do amor e do gozo, que coloca problemas para alguns homens conseguirem relacionar-se com uma mulher e situá-la como causa de seu desejo. A partir do ensino de Lacan, por outro lado, destacamos três perspectivas que apontam para o modo como o homem se situa na relação sexuada: 1) a forma fetichista de amar; 2) a mulher como objeto causa de desejo e 3) a mulher como sintoma do homem.

As três perspectivas podem ser localizadas em momentos específicos do ensino laciano, estando a forma fetichista de amar articulada com suas produções a respeito da significação do falo; a mulher como causa de desejo a partir de suas construções sobre o objeto *a* e a fantasia; e, por

último, a mulher como sintoma se estabelece a partir de seus avanços sobre a noção de *sinthoma*. Tais perspectivas não se opõem, nem podem ser tomadas como descontínuas ou excludentes. Elas fazem referência ao modo particular de construção da teoria psicanalítica que se articula com os avanços da clínica. Assim, o que verificamos é o redimensionamento da elaboração sobre o modo do homem fazer parceria amorosa a partir de uma articulação mais precisa do real, do gozo e do *sinthoma*. Categoricamente, Lacan está procurando apontar que: "No final das contas, ele [o homem] faz amor com seu inconsciente, e mais nada." (1975-76/2007, p. 123)

Lacan, por sua vez, também situou a forma da mulher se colocar no plano amoroso em sua forma erotomaniaca de amar e a possibilidade do homem poder encarnar para ela seu parceiro-devastação. Constatamos, assim, que não há simetria no modo como cada um se dirige ao outro – o que nos permite assimilar formalmente todo o mal-estar em torno dos relacionamentos amorosos que escutamos na clínica. Não há reciprocidade, não há harmonia, "não há relação sexual". Os desencontros no terreno do amor são inevitáveis, só restando aos parceiros inventar formas, ao infinito, para se haver com o impossível da relação sexual.

Referências Bibliográficas:

- Batista, Angela. (Agosto /2014) Sobre o incurável do *sinthoma*. *Latusa Digital*. Rio de Janeiro: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. 1 (8), 1-6, Recuperado em: http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_8_a2.pdf
- Chamizo, Marisa. Fetiche. (2008) In *Scilicet – Os objetos a na experiência psicanalítica*. AMP. (pp. 134-136), Rio de Janeiro: Contra Capa Editora.
- Costa, Ana & Bonfim, Flavia (julho/dezembro, 2014) Um percurso sobre o falo na psicanálise. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*. 17 (2), 229-245, Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Teoria psicanalítica IP/UFRJ.
- Caldas, Heloisa. (2008) Saber fazer com a não-relação. In ALBERTI, Sonia (org.) *A sexualidade na aurora do século XXI*. (pp. 375-385) Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Dhéret, Jaqueline. (2008) Impostura masculina. In *Scilicet – Os objetos a na experiência psicanalítica*. AMP. (pp. 165-167) Rio de Janeiro: Contra Capa Editora.
- Freud, Sigmund. (2006) Conferência XXXIII- Feminilidade (Trad.) Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 22, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, Sigmund. (2006) Psicologia das Massas e Análise do eu. (Trad.) Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 18, pp. 81-183). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1921).

Freud, Sigmund. (2006) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do amor II) (Trad.) (1912) Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 11, pp. 185-195). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, Sigmund. (2006) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Trad.) Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp. 128-229). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, Sigmund. Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do amor I) (Trad.) Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 11, pp. 167 – 180). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1910).

Fuentes, Maria Josefina. (Setembro/ 2001) O exílio d'A mulher. *Opção Lacaniana* – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. (31), 52-55, São Paulo: Eliota.

"Garotos"/ "Garotos II - O Outro Lado" (Leoni). "Por trás da canção", Globosat Play, 01 de maio de 2015. Programa de TV. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=UuJYedJp2GE>.

Lacan, Jacques. (1998 a) A significação do falo. In *Escritos*. (pp. 692 -703) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958).

Lacan, Jacques. (1998 b) Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In *Escritos*. (pp.734–748) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958).

Lacan, Jacques. (2009) *O Seminário 18* – De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1971).

Lacan, Jacques. (1985) *O Seminário 20* - Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Trabalho original publicado em 1972-73).

Lacan, Jacques. (2007) *O Seminário 23* – O sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Trabalho original publicado em 1975-76).

Lacan, Jacques. (2003) Joyce, o sintoma. In *Outros Escritos* (pp. 560-566) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, (Trabalho original publicado em 1975).

Laurent, Dominique. (maio-out 2006) O sujeito e seus parceiros libidinais: do fantasma ao sintoma. *aSEPHalus* – Revista Eletrônica do Núcleo Sephora. (2) Recuperado em: http://www.isepol.com/asephallus/numero_02/traducao.htm.

Laurent, Éric. (2007) A disparidade no amor. *Curinga* - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise (24), 21-31, Minas Gerais: Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-MG).

Miller, Jacques-Alain. (2011 a) *El partenaire-sintoma*. Buenos Aires: Paidós.

Miller, Jacques-Alain. (julho /2010) Minha garota e eu. *Opção lacaniana online*. (2), 1 – 20. Recuperado em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/minha_garota_e_eu.pdf.

Miller, Jacques-Alain. (2015) *O osso de uma análise + o inconsciente e o corpo falante*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.

Miller, Jacques-Alain. (2011 b.) *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Russo, Laura & Vallejo, Paula. (2011) *El amor y lo femenino*. Buenos Aires: Tres Haches.

Sinatra, Ernesto. (2010) *iAl fin hombres al fin!* – Buenos Aires: Grama Ediciones.

Soler, Colette. (2005) *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Citação/Citation: Viana Vidal, P.E.; Bonfim, F. (nov. 2018 a abr. 2019). Constituição e Sexuação: interrogações clínicas. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(27), 59-76. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n27p59-76

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 03/08/2018 / 08/03/2018.

Aceito/Accepted: 12/10/2018 / 10/12/2018.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.